

QUESTÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO. ENTRE LEMBRANÇAS E REFLEXÕES

Sonia Kramer

Faculdade de Educação da UERJ
Departamento de Educação da PUC/RJ

Este texto trata de questões relativas ao racismo, abordando particularmente a educação. Contra o racismo de qualquer tipo, o texto defende e propõe uma escola que seja humana, fundada numa perspectiva intercultural e que tenha na história o eixo central tanto dos seus objetivos quanto dos conhecimentos que veicula, trabalha, difunde. História nunca esquecida, sempre resgatada, recontada, ressignificada. Apresentado originalmente no seminário A Questão das Relações Raciais na Educação¹, o texto conserva aqui propositadamente a forma coloquial a fim de suscitar a continuidade do debate então iniciado.

Quando recebi o convite para participar desta mesa, e para abordar o assunto do ponto de vista judeu, lembro que fiz uma ressalva, dizendo que não poderia falar como representante da comunidade judaica, ou como membro de associações ou organizações judaicas. Aceitei o desafio para compartilhar impressões pessoais, puxando fios da minha história e enredando-os com reflexões que tenho feito sobre educação e aquilo que nela mais me preocupa: a desigualdade. Garantir a igualdade e assegurar as diferenças — eis, a meu ver, uma das questões cruciais da escola... Aliás, devo dizer que acabei aceitando o desafio por perceber que esta situação tem tudo a ver com as coisas que ando estudando e pesquisando, especialmente no que diz respeito à separação tão fortemente arraigada em nós, professores, entre vida e trabalho². Digo isso porque, embora a questão do judaísmo seja presença afetiva e cultural tão importante na minha vida, esta é a primeira vez que nele falo numa situação de trabalho. E devo mais do que tudo agradecer a oportunidade desta participação se tornar — ela também — um elo fundamental na constituição da minha identidade.

Essa ressalva se torna, então, mais do que necessária hoje. Preciso deixar muito claro que não tenho a pretensão de analisar racismo ou anti-semitismo no Brasil e mesmo na escola brasileira, já que não disponho de um referencial sistemático de análise que me permita fazê-lo. Minha intenção é, sobretudo, a de fazer um relato, situando-me como sou — mulher, mãe, brasileira, judia, socialista, professora, pesquisadora, sei lá —, tantos eus que procuro somar aos dessa mesa e desse público. Trago, assim, situações pontuais da minha própria história, sabendo que no banal, no corriqueiro, no ínfimo fragmento do cotidiano, se manifestam a totalidade da vida social e a rede complexa que a engendra.

Por outro lado, não abro mão — como participante desta mesa — de pensar criticamente nosso tempo, trazendo uma teoria que busca ser um pensar vivo a minha própria prática, como alguém que há tantos anos trabalha em educação envolvida e movida

1 Realizado pelo SEPE, IPCN, Jornal Maioria Falante e Projeto Diálogo entre Povos, em novembro de 1994, na UERJ.

2 Sobre a separação vida/trabalho ver Souza e Kramer (1994).

pelos graves problemas da escola brasileira: **exclusão, discriminação, eliminação**. Problemas que se vinculam intrinsecamente ao tema deste seminário. Quero, então, ainda nesta introdução, acentuar que, enquanto lutamos para conquistar condições concretas para uma escola de qualidade para todos, o desafio mais sério que precisamos enfrentar na escola é, na verdade, um dos mais pesados e difíceis problemas da nossa própria condição humana: o apagamento das diferenças, o não-reconhecimento de que aquilo que caracteriza nossa singularidade — de nós, seres humanos — é justamente nossa pluralidade. Mas este é o ponto de chegada da minha fala, não o de partida... Começo então contando, no primeiro momento, como foi-se desenhando para mim a questão de ser judia e como foi sendo construída minha identidade, para pontuar, no segundo momento, temas relativos ao racismo na escola. Ao final, espero receber de vocês as críticas e indagações de tantos aspectos que certamente deixo de fora.

NUNCA ESQUECER A HISTÓRIA

A palavra judeu veio desde o início de minha vida carregada de sentidos muitos variados. Ser judeu: era esse o motivo que levava meu pai a viver num gueto, na cidade de Ostrowietz, onde nasceu, na Polônia de 1925. Ser judeu: tal era a razão que o levava anos mais tarde, com 14 de idade, a campos de trabalhos forçados, a Auschwitz em junho de 1944, a Dachau em 1945, onde não chegou porque a guerra acabara exatamente quando o trem se encontrava no meio do caminho. Ser judia significava então, de certa maneira, para a Sonia menina, ser filha de alguém que estivera tão perto de câmaras de gás, fornos crematórios, campos de extermínio e deles escapou com vida. Herói? Homem de sorte? Mas que sorte se ele perdeu toda a família quando sua cidade foi destroçada pelas tropas nazistas? Anos mais tarde — e isso faz parte do processo crítico de construção de minha identidade — pude compreender muitas coisas. E se falo delas é para que mais uma vez possa compreendê-las, cuidando com o sentido que dá Hannah Arendt a essa prática, quando diz:

A convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível, pode levar-nos a interpretar a História por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós — sem negar sua existência, sem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela — qualquer que seja. (Arendt, 1975. p.10)

Pude entender, então, dentre outras coisas, que o que levou meu pai para os campos de concentra-

ção, o que exterminou 6 milhões de judeus numa indústria concebida, mantida e executada pelo Estado, o que matou 20 milhões de russos, ciganos, homossexuais, negros, comunistas, não foi o fato de serem judeus, ciganos, negros ou homossexuais, mas o nazismo, o totalitarismo, a ponta extrema do racismo.

Mais uma vez lembro Hannah Arendt, para quem o anti-semitismo representa uma das antecipações paradigmáticas do totalitarismo. É o preconceito elevado ao nível de arma ideológica, nesse caso contra judeus, como em outras circunstâncias na história, contra outros grupos humanos. Essa pensadora, como muitos outros, me ajudou a entender, anos mais tarde, que os hediondos crimes perpetrados na Segunda Guerra, na dizimação de índios na colonização da América, na deportação e na escravização de negros da África, no genocídio de Biafra, na Bósnia — meu Deus, quantos exemplos temos nós! —, além de serem crimes contra judeus, índios, negros, são sobretudo crimes contra a humanidade. Sei, embora não vá tratar disso aqui, que são contextos qualitativa e quantitativamente diversos, provocados por fatores econômicos, políticos, étnicos e culturais também diversos. Mas aos olhos da menina de então, e no que diz respeito à constituição de minha identidade, um agudo sentimento foi em mim se forjando. O racismo e, em última instância, a eliminação daqueles que, por alguma (des)razão, são considerados diferentes, é parte do processo extremo e estranho de desumanização do homem, marca de sua anti-humanidade... 100 pessoas assassinadas no atentado contra um centro comunitário judeu, Buenos Aires, julho de 94, me fazem dizer que essas não são questões superadas.

Assim, era um outro que me dizia: és judia? Confesso que de um lado, sim³. Destaco, ao contrário, que havia muitos outros lados nessa história. Ser judia significava tomar parte na história da humanidade, inter-relacionando e condenando, a partir daquela, todas as formas de opressão que podia conhecer naquele cotidiano de menina brasileira, que tinha 11 anos quando eclodiu o golpe de 64, se tornava uma jovem de esquerda, e que desenvolvia não só uma consciência crítica muito severa quanto às injustiças de qualquer tipo, mas também uma espécie de aversão pessoal, física até, quase rejeição mesmo, à menor manifestação de intolerância de alguém com relação a um outro diferente. A pequena militância política de então, compensada pela participação que depois iria se configurar, mais recentemente avança no reconhecimento de que há uma luta fundamental por direitos humanos — luta de todos os grupos sociais porque de todos os homens, mulheres e crianças. Ao mesmo tempo, o judaísmo mostrava-se em suas outras dimensões. Assim, ser judia tinha também sentidos outros, muito distantes do peso, da amargura, da perda: queria dizer também conhecer e apreciar rituais

3 Sobre essa questão ver Arendt (1975), onde a autora polemiza inclusive com Sartre.

religiosos, saber de origens e tradições, ter valores, ética, filosofia, língua (o ídiche), ouvir e conviver com histórias de antigamente, com músicas, danças, brincadeiras, com festas e acima de tudo com anedotas, histórias engraçadas, piadas... sobre judeus naturalmente. E esta possibilidade de rir de si próprio talvez mereça ser também pensada por nós, como criação humana que vira a tragédia pelo avesso.

Porque o riso tem profundo sentido filosófico, expressando um ponto de vista particular sobre a experiência, em nada menos profundo que a seriedade (Bakhtin, 1987). Vencendo o medo, o riso torna grotesco aquilo que aterroriza. Ironiza, triunfa sobre o sagrado, o sobrenatural, a morte, rompendo com tudo o que sufoca ou restringe, fazendo uma ruptura com o consagrado, ao eclodir. Eu poderia contar milhares de anedotas aqui, mas certamente dos 20 minutos a mim destinados poucos sobriariam para que voltasse à reflexão sisuda que a atividade acadêmica vive a nos cobrar, pois, aliás, "o riso e as lágrimas são anti-oficiais" (Bakhtin in Kramer, 1993). E como se fosse mesmo o avesso das conversas de campos de concentração, destinando-se a conviver de forma contraditória, ambígua, ambivalente com as lágrimas e o gosto de azedume, inúmeras vitzes/histórias com humor me eram contadas. Pelo mesmo motivo, quem sabe, conto agora uma das inúmeras que sei, colocando mais uma peça no caleidoscópio de minha identidade. Diz assim:

Um homem judeu viajava num navio que naufragara há já vinte anos passados. Vivia numa ilha, solitário, tendo lá feito benfeitorias. Eis que é encontrado por um barco que o pretende resgatar. Ele vai então mostrar as obras que havia feito, sozinho, ao longo de duas décadas, e como melhorara suas condições de vida na ilha: fez uma casa, roupas, tinha sistema de irrigação, formas interessantes de cuidar da terra, do plantio e de processos de co-lheita, criava animais, possuía objetos, utensílios, instrumentos, ferramentas, alavancas, enfeites, meios de transporte. E havia construído duas sinagogas. Mas por que duas? lhe perguntaram. Porque naquela eu não entro!!

Este é outro avesso da questão que penso ser importante destacar aqui: se desde menina percebi que havia um outro que me designava "diferente" (*Não comemora Natal? Ela nem parece pão-dura! Não usa cruxifixo por quê? Credo, você não fez primeira comunhão?*), se um alguém preconceituoso dizia que eu me assemelhava a todos os outros judeus, minha história e as minúsculas histórias que dela posso contar me foram ensinando que, tal como todos os demais seres humanos, os judeus são *entre si* muito diferentes. Diferentes do ponto de vista político, cultural, religioso, ético etc. Não vou analisar aqui se no judaísmo prevalece a dimensão de etnia, religião ou nacionalidade. Entendo que ele é sobretudo cultura e tradição; lembro que o judeu não é caracterizado por nenhum tipo físico — há judeus brancos e negros etc.; religiosa não sou e minha nacionalidade é brasileira

de corpo e alma, carioca da gema, como dizíamos no tempo em que disso tínhamos orgulho.

Mas voltando à anedota do naufrago, o que ela desvela é o caráter plural também de um grupo que — com os olhos discriminadores e crivados de preconceitos — vê homogêneos. Assim, o que as posturas cristalizadoras, dogmáticas e uniformizadoras do racismo perpetram é uma dupla negação. Por um lado, negam que todos são diferentes e que a pluralidade é exatamente a marca que singulariza o ser humano, que lhe confere sua condição de humanidade — o que nos torna humanos é nossa condição de seres sociais, criadores de cultura, produtores de linguagem, plurais na forma e no conteúdo, mas todos cidadãos e cidadãs, com os mesmos direitos, com direito à igualdade. Acontece que querem fazer acreditar que uns são mais iguais que outros: "Homem, branco, cristão, europeu, rico: eis o padrão ideal!". O caráter ideológico da dominação econômica, política, nacional, religiosa, étnica, cultural, lingüística e de gênero é visível aqui. Palpável. Por outro lado, nega-se ou tenta-se negar que os grupos a que apontam dizendo "negro, judeu, índio, turco" são também marcados — no interior de cada um — por uma intensa, dinâmica e saudável pluralidade⁴.

SEMPRE RESGATAR A HISTÓRIA ESQUECIDA: PAPEL DA ESCOLA

Espero ter deixado claro que racismo para mim é comportamento não-humano, portanto animal mesmo. Assim, racismo na escola é ação anti-humana, desumana. Atuar contra o racismo na escola? Preciso de uma escola que tenha a **história como conteúdo**, como conhecimento central. **A forma? Uma escola humana**, que resgate na linguagem a história, seus rastros, suas marcas, que tome a todos — crianças e adultos, alunos, alunas, professoras, professores, funcionários, funcionárias — como produtores da história e produzidos na história e na cultura, como criadores de cultura, não só a de cada um dos nossos grupos, mas também a história que coletivamente nos constitui.

Defendo a idéia de que precisamos sempre relembrar a história — a de cada um de nós e a de todos —, conhecer a história, estudar a história, desatando a linguagem acorrentada por tão diversas mordanças, ameaças, correntes, grilhões. Destaco, ainda, que os profissionais da educação precisam discutir o racismo e seus próprios preconceitos, tema que, com frequência, não tem sido reconhecido como legitimamente pedagógico. Encontro racismo e precon-

4 Sei que não posso ceder à tentação de enveredar na análise do humor nas diferentes culturas, mas gostaria de levantar algumas questões para o debate. Quem cria a piada, quem ri e de quem se ri? Aqui podemos perceber a diversidade manifesta sob essa forma tão viva de produção cultural.

ceito nas coisas da escola? Sim, e muito; e como poderia ser de outro modo? Estamos falando de uma instituição que: busca homogeneidade (remanejamento etc.); tem um perfil do bom aluno, do bom professor; acredita que existe um melhor método, uma única melhor maneira de ensinar isto ou aquilo; que tem especial apego a escalas de desenvolvimento, a padrões de aprendizagem...; que padroniza, uniformiza, que tem nas grades (curriculares) a base de seu trabalho; que separa, segrega, desagrega, valoriza a delação, a desunião, a premiação e o castigo.

É possível fazer diferente? Claro, desde que a escola aprenda a lição de que a heterogeneidade é riqueza e não obstáculo. Mas hoje encontro diferentes manifestações de preconceito racial na vida cotidiana e, como parte da vida, também na escola.

Vou ao dicionário, leio, e me surpreendo — ainda?:

índio. 1. v. *indiano*. 2. *Bras.* De, ou pertencente ou relativo ao índio. 3. v. *indiano*. 4. O habitante das terras americanas ao chegarem os descobridores europeus; o aborígene da América. 5. *Bras., NE e RJ.* Certo tipo de papagaio. “Adélia se curva, apanha um índio vermelho e caminha para mim... o papagaio esvoaçando a breve altura de sua cabeleira...” (Osman Lins, *Nove, novena*, p.67-68). 6. *Bras., RS.* Empregado de estância, peão. 7. *Bras., RS.* Valentão. 8. *Astr.* Constelação austral situada etc...

judeu. *Adj.* 1. Da ou pertencente ou relativo à Judéia (Ásia). 2. De, ou pertencente ou relativo a Israel (Ásia); israelense. 3. Judaico. *s.m.* 4. Natural ou habitante de Israel; israelense. 6. Aquele que segue a religião judaica. 7. *Pop.* Indivíduo mau, avarento, usurário. 8. *Bras.* Espécie de virado ou tutu de feijão. 9. *Bras.* Espécie de bolo de milho. 10. *Bras., AM.* *Pop.* Sírio. 11. *Bras., MG.* *Pop.* Cigano. 12. *Bras., MG.* Ceia: “As negras fazem para nós um judeu de frangos de molho pardo, lombo de porco, arroz e angu” (Helena Morley, *Minha Vida de Menina*, p.32). 13. *Bras. SC.* Alcinha que os conservadores, ditos cristãos, davam aos liberais. 14. *Bras.* papa-terra. (*Fem. nas acepções 1 a 7 e bras. 10 e 11:* judia). Judeu errante. Indivíduo que está sempre viajando.

judiação. *s.f. Bras. V.* judiaria.

judiar. (De judeu + i + ar) “tratar como, antigamente, se tratavam os judeus”; “escarnecer, maltratar”. *V. t. i.* 1. escarnecer, mofar, zombar: judiar com alguém. 2. Fazer judiaria; fazer sofrer; atormentar, maltratar: judiar dos animais; “Frio, muito e muito frio judiando da gente pobre” (Guido Vilmar Sassi, *Piá*, p.13); “Agora ele não judiava só com os animais... ele saqueava povoações e matava gente” (Franklin Távora, *O cabeleira*, p.110). *Pres. ind.:* judio, judias, judia etc.

judiaria 1. (De judia + aria). *S.f.* 1. Grande porção de judeus. 2. Bairro destinado aos judeus.

judiaria 2. (De judiar). *S.f.* Ato de judiar; maus tratos; apoquentação. *sin. bras.:* judiação.

negritude. *S.f.* 1. Estado ou condição das pessoas da raça negra. 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação branca ocidental.

negro. (do latim *nigro*) *Adj.* 1. De cor preta. 2. Diz-se dessa cor; preto; terno de cor negra. 3. Diz-se do indivíduo de raça negra; preto. 4. Preto. 5. Sujo, encardido, preto: a criança está com as mãos negras. 6. Preto: as nuvens anunciam tempestade. 7. Muito triste; lúgubre: “pensar (Casimiro de Abreu) que sua morte poderia ocorrer em Lisboa... o fazia mergulhar na mais negra infelicidade (Carlos D. Andrade, *Confissões de Minas*, p.28). 8. Melancólico, funesto, lutuoso: “Negro destino o esperava”. 9. Maldito, sinistro: “em negra hora chegou ali aquele bandido”. 10. Perverso, nefando: “O negro crime abalou a cidade”. (*sup. abs. sint:* negríssimo, nigérrimo): *V.* buraco —, câmbio —, corpo —, humor —, licor —, lista — a, lixívia — a, luz — a, magia — a, mercado —, ouro —, ovelha — a, papa —, poder —, o poeta — e pólvora — a. *S. m.* 11. Indivíduo de raça negra. 12. escravo. 13. ótica: o corpo que absorve integralmente toda a radiação luminosa vivível que sobre ele incide. 14. v. preto. 15. *Bras., fam e pop.* nego. 16. *Bras.* gíria, homem, pessoa, indivíduo; nego: “Há muito negro que não sabe o que é trabalhar” etc.

(*Dicionário Aurélio Buarque de Holanda*, 1986)

Falei da **linguagem** e do seu papel no contar a história (podemos contar a história porque existe linguagem), linguagem que constitui a nossa consciência, organiza a nossa conduta, nos faz internalizar o mundo. E ouço: *programa de índio, negra de alma branca, a coisa tá preta, não judiei de ninguém.*

Pego **livros de história** e aprendo/relembro: negro escravizado, animalizado; esquecimento de sua língua; escravo igualado pelos portugueses, sem direito a seus filhos; discurso dos abolicionistas pelo aleitamento materno; apagamento das diferenças! E a escola: trabalha pelo conhecimento da história?

Moysés (1994) dá uma bela contribuição a este resgate da história. Estudando imagens de leitura e leitores no Brasil do século XIX através de textos de literatura de viagens, a pesquisadora traz o relato que faz Gomes Eanes de Zurara, em 1444, como branco, da estratégia de separação por etnias:

por etnias e por comunidades lingüísticas. Uma separação (...) por diferenças, feita pelo branco para que um não possa reconhecer-se no outro, para que não tenha a palavra desse outro, como ponte de expressão, que lhe permita (...) ser seu interlocutor. O outro é o negro, o que está junto dele, o que partilha a mesma condição, mas que não o compreende. Estão separados por diferenças, antagonismos vindos de lutas anteriores, mas principalmente pelas variações entre as línguas que, o outro, o branco, explora estrategicamente para que

não surja a cooperação entre eles, para que restem na não-compreensão, no silêncio, no isolamento de um entre tantos... É diferente do outro, o negro, e é diferente do outro, o branco que os domina e estimula as diferenças até que essas diferenças se anulem entre si pela confrontação com sua dominação, pela interiorização da dominação do branco, pressuposto da condição escrava... (p.3)

Leio os **jornais e me informo**: QI e Curva do Sino. De novo?⁵; recorro a arquivos do SAM (1943)⁶; Jensen (quando entrei pra faculdade, anos 70)⁷; determinismo biológico/determinismo social-privação cultural...⁸. Velha a desumanidade como velha é a humanidade?

Entro na **escola** e vejo: uma professora que chama a criança de *bicho*; a outra que diz *bandido* do menino; a que acusa o aluno negro da escola pública de ter roubado o anel.

Mas me cansei de falar do preconceito dos outros. Já pesquisei isso, já escrevi, denunciei⁹. Hoje queria ainda falar do meu próprio preconceito e da minha dificuldade. Dificuldade que sinto com meus alunos da universidade, eu professora que tem paixão pelo trabalho. O que é? Qual o problema? Não consigo que os grupos de alunos se misturem. Na minha prática cotidiana essa tem sido minha dificuldade e preocupação maior, a que chamo de comportamento de galera. Não sei se é discriminação também, mas o tempo todo tento ter mais paciência com jovens que me parecem hoje por demais racistas, preconceituosos, discriminadores, segregacionistas. E me inquieto: são grupos ou tribos o que tenho nas turmas? Evoco por isso Pasolini, que dizia, falando dos jovens subproletários urbanos italianos da década de 70:

Quando vejo ao meu redor que os jovens estão perdendo os antigos valores populares e absorvendo os novos modelos impostos pelo capitalismo, correndo assim o risco de uma forma de desumanização, de uma forma de afasia atroz, de uma brutal ausência de capacidade crítica, de uma feroz passividade, me lembro de que estas eram exatamente as características típicas do SS; e assim vejo se estender sobre nossas cidades a sombra horrenda da suástica.

É, pois, crucial que saibamos conciliar a dimensão de pluralidade com a universalidade que nos caracteriza como humanos, conhecendo e reconhecendo a história, as origens, as raízes, os rastros de nosso grupo, etnia, religião, e respeitando simultaneamente esses elementos nos muitos outros grupos. Quer dizer: o desafio é o de construir nossa identidade, de nos vermos negros que somos, índios ou brancos, judeus ou muçulmanos, e — ao mesmo tempo — aceitar nos outros suas necessidades e possibilidades de ter origens, histórias, crenças, tradições, culturas, rastros diversos. Penso que o fechamento de uma dada cultura na sua única especificidade e particularidade a levaria a admitir que nada dela se liga ou lembra outras culturas. Assim, negando a presença de um mínimo de ações, produções, características, valores, ideais, laços, traços que nos configuram a todos como seres humanos, também este fechamento

numa dada cultura ou etnia arriscaria nossa própria condição de humanidade¹⁰. Se enfatizo, então, a importância de que a história de cada grupo cultural ou étnico seja contada e recontada, lembrada e ressignificada, alerta também para que nesse processo a ênfase nos laços e elos comuns daquele grupo não leve à negação dos outros. Penso que devemos tomar cuidado ao falar de fortalecimento dos laços, elos, tradições na construção de nossa identidade, de modo a evitar, superar, combater a fixação no mesmo que algumas posturas, pluriculturalistas ou multirraciais podem engendrar. Esse apego ao igual não pode, penso, correr o risco de dogmatizar-se e transformar-se no combate ao outro que é diferente. Tanto no nível macro (conflitos étnicos e culturais na Europa e nos Estados Unidos) quanto no nível micro (o comportamento tribal dos nossos jovens hoje, procurando aliados nos iguais, e atacando não-iguais por muito pouco) o multirracismo e o pluriculturalismo precisam ser superados criticamente em direção a uma perspectiva intercultural que concilie o um e o múltiplo, o eu e o outro, a identidade e a diferença, o singular e o universal (Hannoun, 1987. p.93).

Além disso, dentro ou fora da escola, precisamos atuar juntos contra todos os tipos de racismo, lembrando que o racismo via de regra passa do preconceito étnico ao preconceito de classe, muitas vezes se somando a este, ou ainda sendo usado como instrumento do poder econômico, da dominação, do autoritarismo, do totalitarismo.

Quero encerrar dizendo que, sinceramente, exponho à crítica as coisas que contei, lembrei, discuti, apontei. Mas confesso que tenho uma forte convicção: a de que se a escola tem um papel a desempenhar na luta contra o racismo — superando sua ação de apenas criar, reforçar ou diversificar preconceitos —,

5 Trata-se de *The Bell Curve*, de Charles Murray e Richard Herrnstein, recém-publicado nos Estados Unidos. Provocando polêmicas acirradas, o livro — com nítido referencial racista, nazista — atribui a inteligência a fatores genéticos (tipo: os brancos têm QI superior aos negros).

6 Vários "estudos" de evidente racismo eram realizados durante a ditadura do Estado Novo. Este do qual me recordo agora é dos Arquivos do Serviço de Assistência a Menores: relaciona desenvolvimento mental e raça, também "demonstrando" a superioridade de brancos sobre pardos e destes sobre pretos!

7 Também Arthur Jensen e William Shockley, na virada dos anos 70, defendiam a ligação entre eugenia e agressividade, negando a ação de fatores ambientais, contextuais, socioculturais.

8 Trata-se da polêmica relativa ao fracasso escolar das crianças pobres. Embora superando o determinismo genético, as teses da privação cultural mereceram uma intensa discussão crítica nos Estados Unidos, na Europa e também no Brasil, desde os anos 70 (ver Kramer, 1992).

9 Ver Kramer (1992). As situações mencionadas encontram-se em especial nas páginas 127, 132-3, 174 e 177.

10 Sem me aprofundar nessa discussão, penso ser importante destacar a necessidade de uma perspectiva educativa intercultural, superando os particularismos seja de uma posição assimilacionista que ignora o múltiplo, seja de uma posição multiculturalista que acabe por instaurar tipos ou guetos fechados. Ver a esse respeito Hannoun (1987).

este papel se situa no resgate da capacidade de narrar a experiência individual e coletiva, de contar a história, de lembrar. Ou, como diz Walter Benjamin (1987), de escovar a história ao contrário, a contrapelo, pois

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Benjamin, 1987. p.224-5)

No enfrentamento do racismo, o que pode fazer a escola? Contribuir na construção da identidade (a de cada qual e a de todos nós) e no conhecimento crítico de crianças e adultos, ajudando a nunca esquecer a história, a sempre resgatar a história esquecida para que se torne possível — **mais do que nunca — mudar a história.** Uma pedagogia que pretenda construir uma perspectiva humana e, portanto, necessariamente intercultural, não pode se esquecer disto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. *Vers une pédagogie interculturelle*. Paris: Sorbonne; INRP, 1986.
- ARENDRT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Anti-semitismo, instrumento de poder. Rio de Janeiro: Documentário, 1975.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivos do Serviço de Assistência ao Menor, v.2, dez. 1943.
- CADERNOS DE PESQUISA. Raça negra e educação. Fundação Carlos Chagas, n.63, nov. 1987.
- DOWBOR, Ladislau. *Aspectos econômicos da educação*. São Paulo: Ática, 1986.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda, *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HANNOUN Hubert. *Les Ghettos de l'école: pour une éducation interculturelle*. Paris: ESF, 1987.
- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *A Política do pré-escolar no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MOYSÉS, Sarita M. A. Literatura e história: imagens da leitura e de leitores no Brasil no século XIX. Trabalho apresentado na 17ª Reunião ANPED, Caxambu, 1994. (mimeo)
- SOUZA, Solange Jobim, KRAMER, Sonia. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. Trabalho apresentado na 17ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1994. (mimeo)
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
-